

## Gravidez e outros dramas precoces

Escrito por Magno de Aguiar Maranhao  
Qua, 23 de Março de 2005 21:00

---

A queda na taxa de fecundidade é um dos indicadores do desenvolvimento econômico e social de um país. Significa que a população está mais bem informada com relação a métodos contraceptivos, exercendo seu direito de planejamento familiar e gerando filhos responsabilmente. Os resultados do Censo 2000 do IBGE mostraram que, no Brasil, essa taxa estava em queda, mas, lamentavelmente, excluía os adolescentes da comemoração: o grupo de mulheres de 15 a 19 anos fora o único a apresentar aumento (de 8,7% para 9,1%). A mais recente Síntese dos Indicadores Sociais do IBGE, por sua vez, revelou inversão entre moças de 15 a 17: a proporção das que tinham pelo menos um filho permanecia alta, mas caíra de 7,2%, em 2002 para 6,5%, em 2003, ano em que as Estatísticas do Registro Civil mostravam que 20% das crianças que nasceram e foram registradas tinham mães adolescentes. Agora, Unesco e Ministério da Saúde atacam na mesma frente, alertando que a gravidez precoce e os problemas que dela decorrem já representam a terceira causa mortis entre mulheres jovens no Brasil (2,7 mortes entre cem mil, perdendo para homicídios, com 6,5 mortes por cem mil e acidentes de trânsito, com sete mortes por cem mil). Trata-se, também, da maior causa de evasão escolar entre meninas - 25% daquelas entre os 15 e 17 anos que abandonam os estudos o fazem porque engravidaram.

O Ministério baseou-se em dados da pesquisa "Saúde Brasil 2005" e a Unesco nas suas pesquisas "Juventudes brasileiras" e "Juventude e sexualidade". Trata-se de um problema nacional, que em não poucos casos evolui para o drama. A gravidez precoce jamais é um acontecimento feliz. É uma ruptura na evolução da adolescente, afetando negativamente corpo e mente, comprometendo seu futuro e o do bebê que gerou. A resposta está, obviamente, na educação. As estatísticas mostram que a taxa de fertilidade pula de dois filhos/mãe entre mulheres educadas para sete filhos/mãe entre analfabetas. Entre adolescentes educadas, a taxa de gravidez não chega a 20 por mil e, entre não-educadas, sobe para 200 por mil.

Entretanto, se entendemos bem, a maioria das adolescentes que engravidam não estão fora da escola: pulam para fora dela devido à gravidez. De onde podemos concluir que a escola deveria se fazer mais presente em uma etapa delicada da vida humana, marcada pela despreocupação com o futuro e, não poucas vezes, por uma conduto auto-destrutiva. Digo isso para lembrar que, em uma relação, a mulher pode contrair não só uma gravidez indesejada, mas doenças sexualmente transmissíveis, entre as quais a Aids, que, segundo a Unids, vêm abrindo suas asas sobre as mulheres e a população jovem, que está sendo infectada pelo HIV com mais rapidez que a população em geral. Já o número de mulheres infectadas subiu de 43%, em 1998, para 48%, em 2004. Neste momento, há 104 milhões de seres humanos de 15 a 24 anos com Aids.

O curioso é que todas estas informações estão disponíveis para nossos jovens. A televisão está presente na maior parte dos lares brasileiros e, se por um lado ela apela abertamente para a sexualidade a fim de conquistar audiência, por outro lado não cansa de abordar (até em novelas de grande audiência) problemas decorrentes de relações sexuais irresponsáveis, ou seja, sem o uso de preservativos e entre parceiros de pouca idade (a idade da primeira relação, de acordo com a Unesco, baixou de 19 para 15 anos entre meninas e 16 para 14 entre meninos).

## Gravidez e outros dramas precoces

Escrito por Magno de Aguiar Maranhao  
Qua, 23 de Março de 2005 21:00

---

Se os jovens estão cientes dos perigos de uma relação descuidada, por que insistem nela? Podemos dizer que eles ouvem as informações, mas não as absorvem. Informação é uma coisa, formação, outra. A primeira, os meios de comunicação fornecem. A segunda deve ser de responsabilidade da família e da escola. Quanto à família, um governo pouco pode fazer em curto prazo. Quanto à forma com que nossas crianças e adolescentes são educados na escola, pode e deve. Na verdade, a preocupação está presente desde a LDB, que preconiza que a educação deve visar à formação integral do indivíduo (o que significa a transmissão de valores), e desde a instituição das novas diretrizes curriculares nacionais, que não esqueceram a orientação sexual.

Apesar de tudo, gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis e Aids ainda são assuntos espinhosos para docentes que não foram preparados para abordá-los. Além do mais, como estabelecer uma abordagem mais eficiente do tema em uma escola que oferece pouco mais de quatro horas de atendimento por dia, não desenvolve programas extra-curriculares e não tem condições de colaborar para a formação integral dos alunos? O resultado é que a questão da responsabilidade sexual acaba se resumindo, quando muito, ao fato de se usar preservativos, quando o que se deveria discutir é como chegar a uma vida sexual saudável. As estatísticas preocupantes sobre as conseqüências da desorientação dos adolescentes demonstra apenas que o sistema de ensino já não pode se omitir. E, àqueles que, por preconceito, não admitem que sequer a palavra sexo seja pronunciada na escola, gostaria de lembrar Paulo Freire: não é a educação sexual que leva à promiscuidade, mas a falta dela.